

Economia volta a crescer, após ano perdido

(atualizada em 15/03/2010)

*Por Neuto Gonçalves dos Reis**

A maioria dos indicadores mostra que o impacto do estouro da “bolha” do subprime sobre a economia brasileira foi forte e imediato. O PIB recuou por dois trimestres seguidos (último trimestre de 2008 e primeiro trimestre de 2009), o que caracterizou um período de recessão. Países como China e Índia continuaram a crescer normalmente, como se nada tivesse acontecido.

No entanto, mais de um ano após o início da crise, o fundo do poço vai ficando para trás. Os bons fundamentos da economia, aliados a medidas anticíclicas do governo permitiram que o país começasse a se recuperar rapidamente. O PIB do segundo trimestre cresceu 1,9% em relação ao primeiro trimestre, mas recuou 1,2% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. No terceiro trimestre, o PIB, cresceu 1,3% em relação ao período anterior, mas recuou 1,2% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. No quarto trimestre, houve forte crescimento (2%). Mesmo assim, o PIB anual foi negativo (-0,2%).

Nos meses mais recentes, em geral, os resultados, mesmo dos setores em dificuldades, como a indústria, o comércio exterior e o mercado de caminhões, têm sido melhores do que o do período anterior. No entanto, quando comparados com o mesmo mês do ano anterior ou analisados pelo valor acumulado, os resultados ainda se mostram abaixo dos de 2008.

A partir de novembro de 2009, a tendência dos resultados tem sido de se mostrarem sistematicamente superiores aos do mesmo mês do anterior, que correspondem ao auge da crise.

Pode-se dizer que, se em termos de PIB, 2009 foi um ano perdido, a economia recuperou gradativamente o ritmo pré-crise e que já está em marcha um novo período de desenvolvimento. Eo, espera-se que o País volte a crescer a taxas superiores a 5% em 2010 e a taxas superiores a 4% em 2011..

A crise econômica teve impacto imediato sobre o PIB brasileiro do último trimestre de 2008 (gráfico) e o primeiro trimestre de 2009, com queda acumulada de 4,6%, o que caracterizou uma recessão. No segundo trimestre, houve recuperação parcial (1,9%) desta queda.

No terceiro trimestre, o crescimento em relação ao trimestre anterior (1,3%) ficou abaixo das expectativas, que eram superiores a 2,0%. Isso ainda não foi suficiente para voltar aos níveis do terceiro trimestre de 2008 (gráficos).

No quarto trimestre de 2009, a economia mostrou crescimento de 2% em relação ao trimestre anterior e de 4,0% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

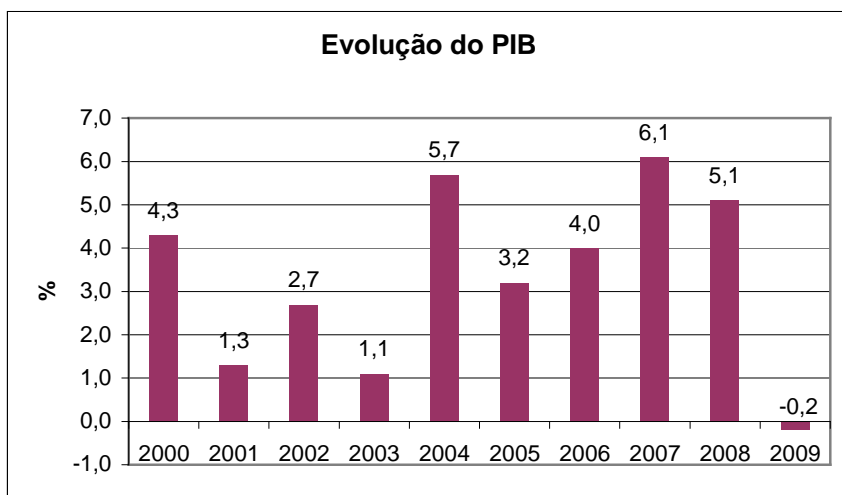
Quebrando um longo período de crescimento, o PIB anual foi ligeiramente negativo (-0,2%), ou seja, em termos de crescimento, o país marcou passo em 2009, que foi um ano perdido.

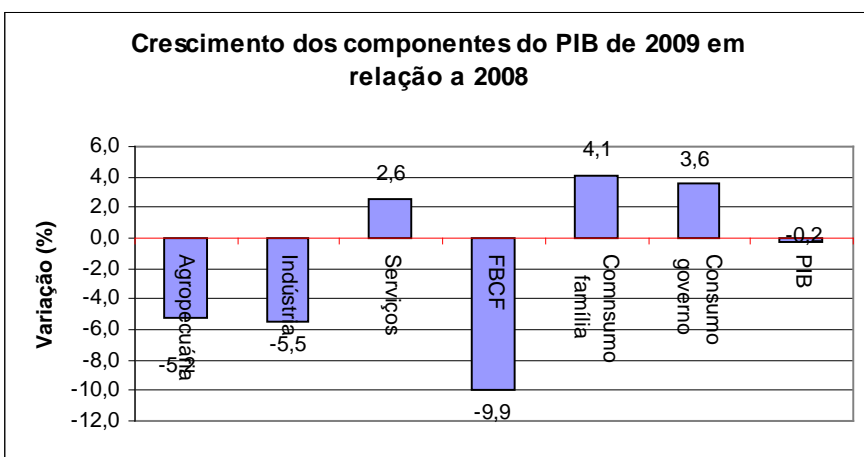
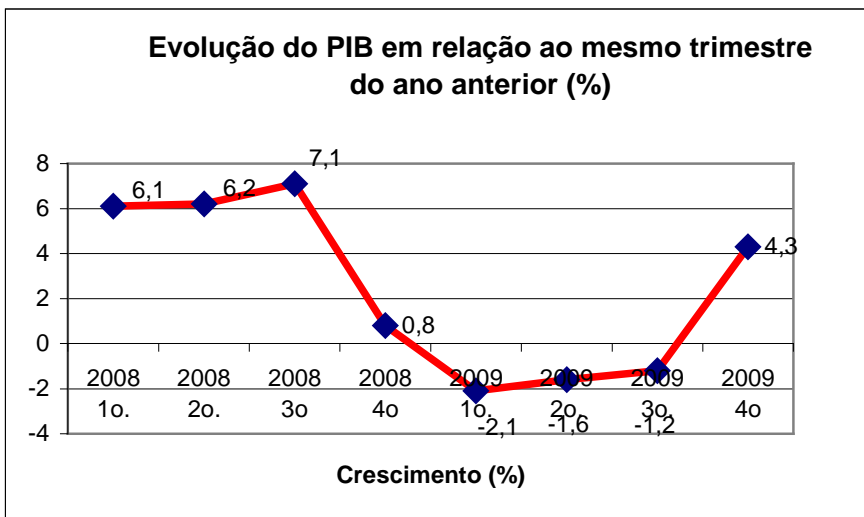
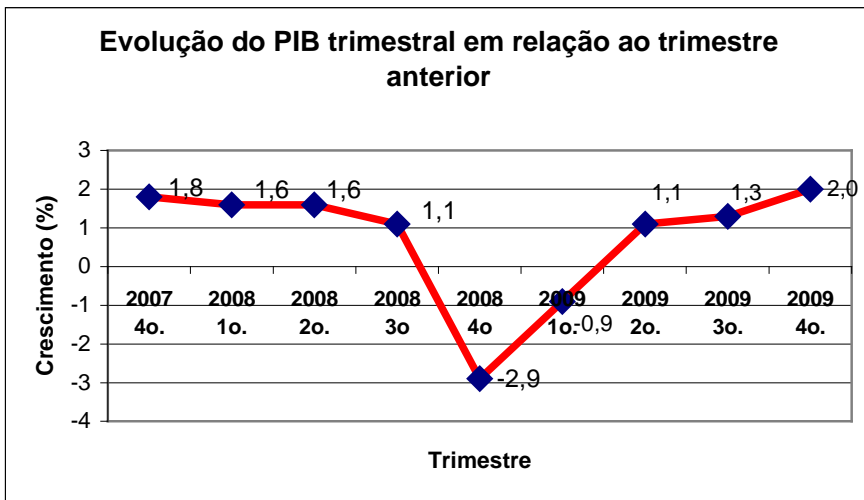
O resultado mostra-se favorável quando comparado com os Estados Unidos (-2,4%), ao Japão (-5%), Alemanha (-5,0%) e outros países europeus.

Convém lembrar, no entanto, em outros países do BRIC, como China (8,7%) e Índia (6,1%), a crise nem existiu.

No entanto, a economia já retomou o nível de atividade anterior à crise (terceiro trimestre de 2009), e deverá crescer mais de 5% este ano.

Houve forte queda na formação de capital, na indústria e na agropecuária. O setor de serviços assim como as despesas do governo e das famílias cresceram (gráfico).

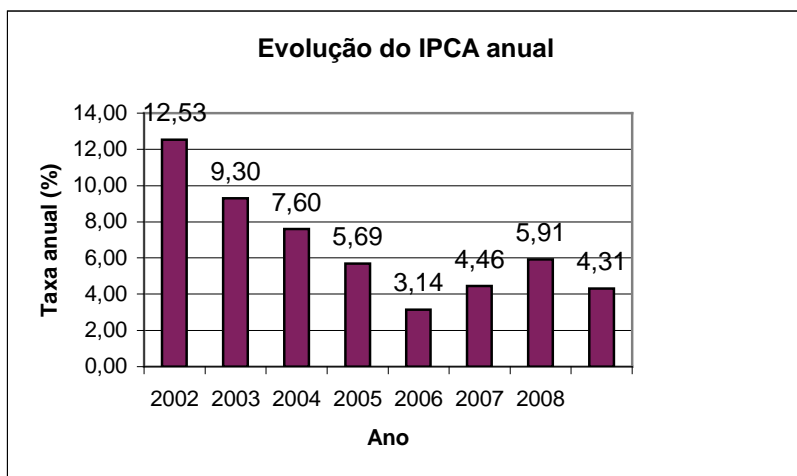
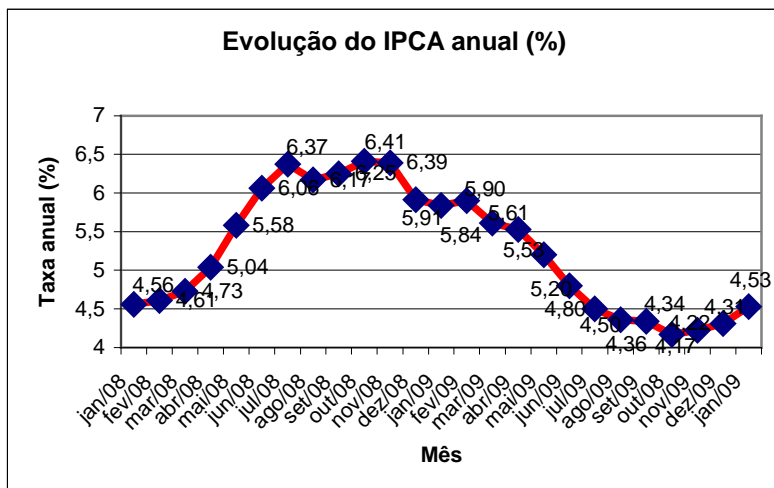




Segundo a Focus de 12 de março de 2010, há expectativa de crescimento do PIB de 5,45% em 2010 e 4,50% em 2011.

Inflação

Embora tenha subido ligeiramente em 2008 e tenha apresentado ligeira tendência de alta no final do ano, a inflação, medida pelo IPCA, , fechou 2009 abaixo da meta (gráfico).

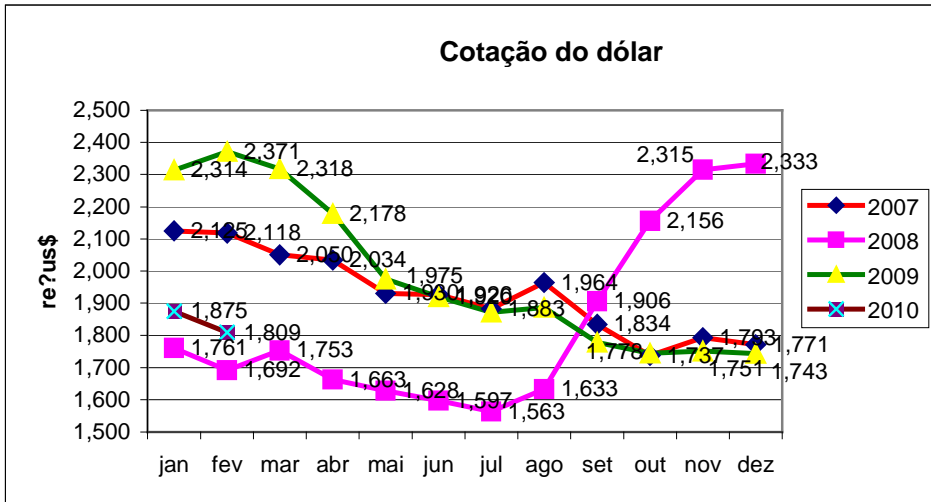


Segundo dados da Focus de 5 de fevereiro de 2009, a expectativa de que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), o índice oficial de inflação, é de 4,78% para 2010 e 4,50% para 2011.

Câmbio

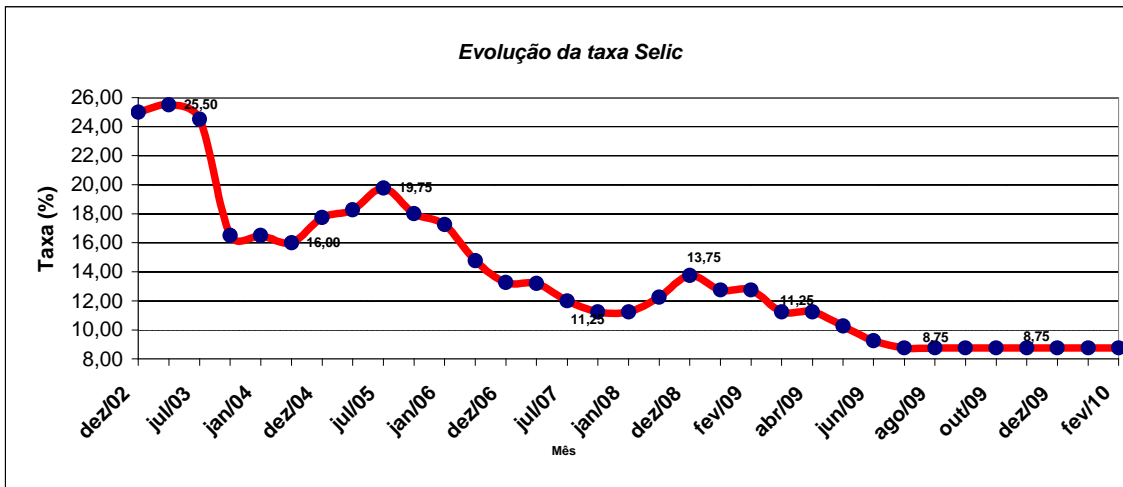
.Depois de um período de queda, o dólar subiu bastante com a crise, mas já voltou a declinar (ver gráfico). Sua cotação voltou aos níveis de 2008.

As previsões da Focus de 26 de fevereiro de 2010 são de R\$ 1,80 no final deste ano e de R\$ 1,85 no final de 2011..



Selic

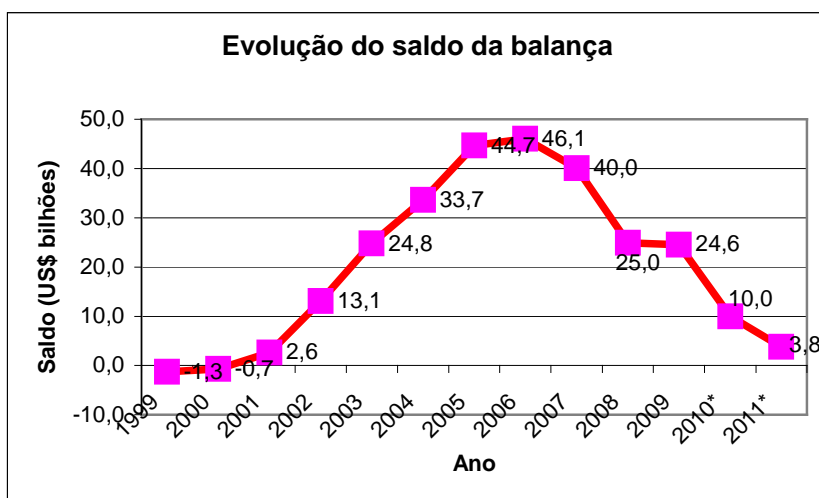
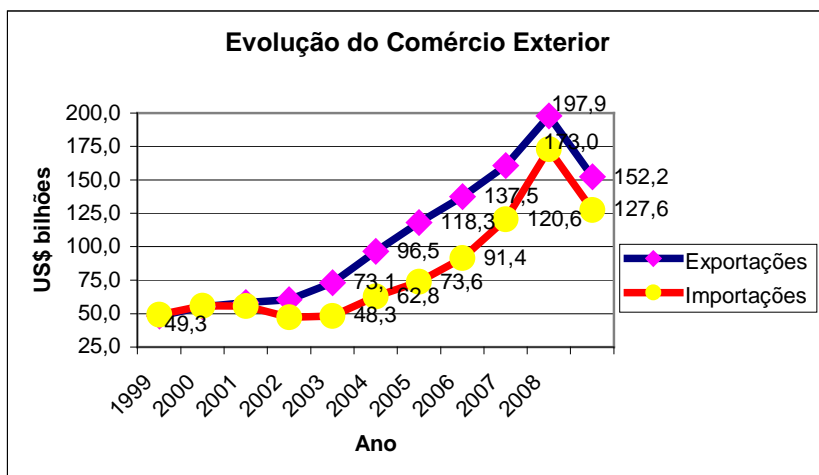
Após cinco sucessivas reduções, a taxa caiu de 13,75% para 8,25%. Esta é a menor taxa desde que a Selic foi criada. A Focus de 26 de fevereiro de 2010 prevê 11,25% no final de 2010 e 11,25% no final de 2011.

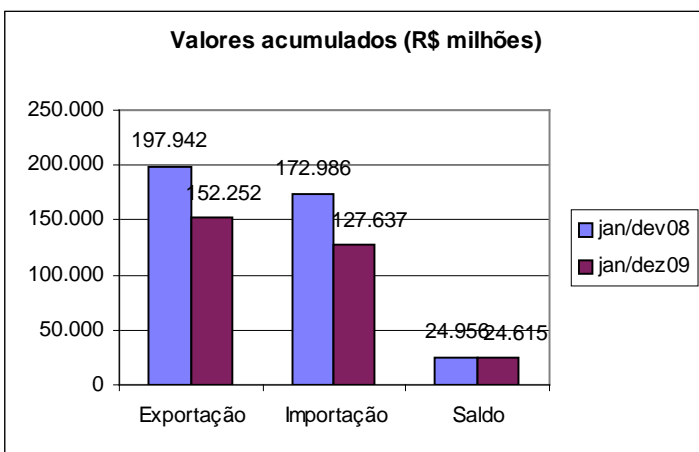
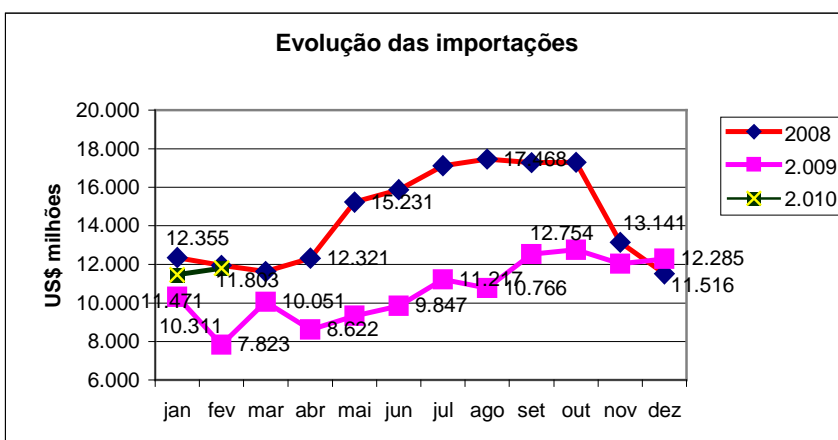
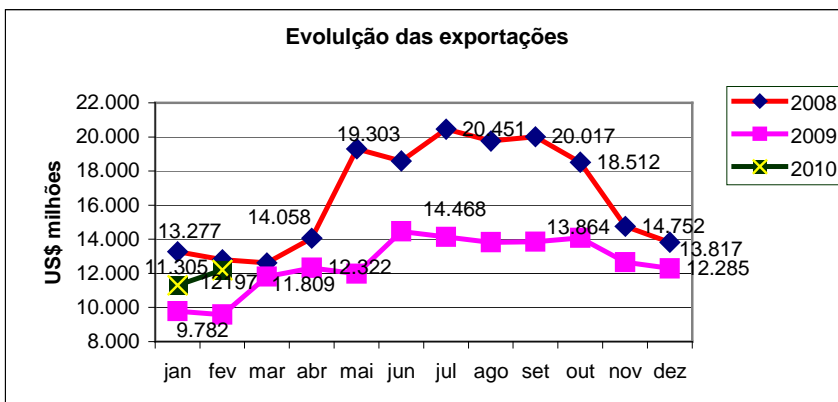


Balança comercial

O comércio exterior, que vinha em processo de crescimento contínuo, registrou forte queda em 2009 (gráficos).

Tanto as exportações quanto principalmente as importações registraram sensíveis quedas a partir de outubro de 2008, com ligeira reação a partir de março. O saldo chegou a ser negativo em janeiro de 2009, mas recuperou-se a partir de fevereiro, graças à grande queda das importações, provocada pela retração da indústria (gráficos).





O saldo da balança comercial chegou a R\$ 24,6 bilhões em 2009, resultado 1,37% inferior ao do mesmo período do ano passado.

As exportações do período (R\$ 152,3 bilhões) caíram 23,08% e as importações (R\$ 127,6 bilhões) caíram 26,22% em relação ao mesmo período de 2008.

Em 2010, tanto exportações quanto importações mostram ligeira reação, porém ainda estão em nível inferior ao de 2008.

Na pesquisa Focus de 12 de março de 2010, a previsão de superávit comercial é de apenas R\$ 10,00 bilhões em 2010 e R\$ 2,50 bilhões em 2011. O déficit em conta corrente deverá atingir R\$ 50 bilhões em 2010 R\$ 57,89 bilhões em 2012.

Nível de emprego

Segundo o Ministério do Trabalho, 655 mil vagas do emprego formal viraram pó em dezembro de 2008, contra 352 mil em dezembro de 2007).

Este é o pior dado do me desde 1992. Até setembro, o emprego formal vinha apresentando saldo superior a 200 mil vagas por mês. Em outubro, este saldo caiu para 61.400 postos de trabalho. Em dezembro, 40.800 vagas foram fechadas.

Em novembro, este saldo já tinha desaparecido. Mesmo assim, o saldo de 2008 foi de 1,44 milhão de empregos criados, 10,2% menor do que o de 2007. As maiores perdas ocorrem na indústria de transformação (234 mil vagas), mas houve perdas também na agricultura (134 mil), nos serviços (117 mil), na construção civil (82,4 mil) e comércio (15 mil).

Em janeiro de 2009 foram fechadas outras 101.748 vagas. Em janeiro de 2008, o resultado tinha sido positivo: foram criados 142.900 postos.

A partir de fevereiro, nota-se tendência de recuperação do nível de emprego. Em julho, foram criadas 138,4 mil vagas, contra 203,2 mil no mesmo mês do ano anterior.

Em agosto foram criadas 242,1 mil vagas, contra 231,9 mil no mesmo mês do ano anterior. O aumento foi puxado pelo setor de serviços (85,6 mil vagas), mas houve crescimento também na indústria (66,6 mil vagas). Na agropecuária, houve fechamento de 11,2 mil postos de trabalho.

Em setembro, foram criadas 252, mil vagas. O aumento foi puxado pela indústria (123,3 mil vagas), mas houve crescimento também nos serviços (62,8 mil vagas) e construção civil (32,7 mil). Na agropecuária, houve fechamento de 17 mil postos de trabalho.

Em outubro, o saldo foi de 230,9 mil postos. sendo 74,5 mil na indústria, 69,6 mil no setor de serviços, 68,6 mil no comércio e 11,6 mil demissões no setor agropecuário.

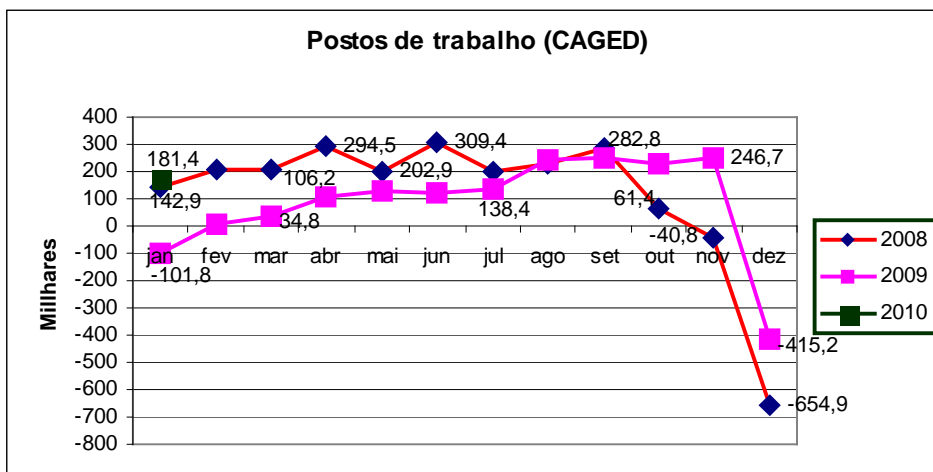
Em novembro de 2009, o saldo chegou a 246,7 mil vagas, sendo 39,6 mil na indústria, 87,3 mil no setor de serviços, 116,6 mil no comércio e 17,8 mil na construção civil.

Em dezembro, foram fechadas 415,2 mil vagas, sendo 166,0 mil na industrial, 117,2 mil na agricultura, 68,1 mil no setor de serviços e 51 mil na construção civil.

No acumulado do ano, o saldo é de 995 mil vagas contra 1.444,7 mil no ano anterior (queda de 31,1%).

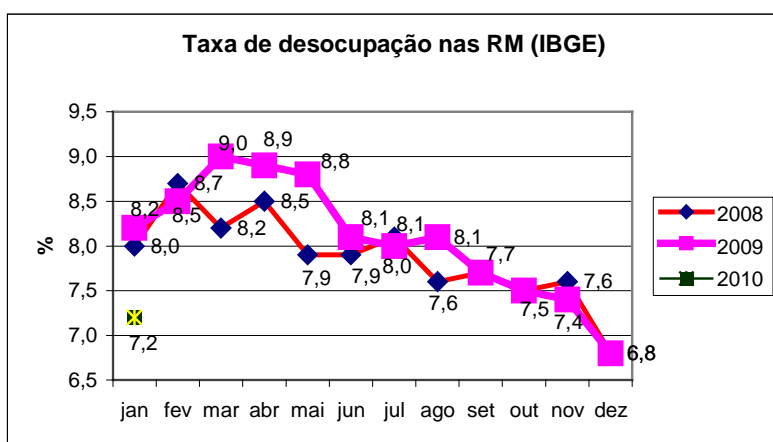
Em janeiro de 2010, foram criados 181,4 mil empregos, sendo 68,9 mil na indústria, 57,9 mil no setor de serviços, 54,3 mil na construção e 4,1 mil na agropecuária. Houve baixas de 6,8 mil no comércio e 0,8 mil na administração pública.

Até julho de 2010, o gráfico deverá manter-se muito acima dos valores do ano anterior, pois estes correspondem ao período da recessão .



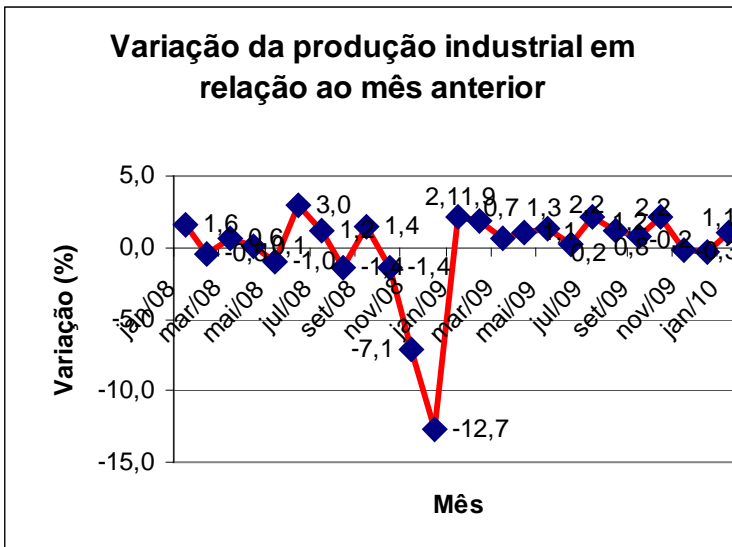
O índice de desocupação nas regiões metropolitanas, que foi elevado de março a maio de 2009, mostra boa recuperação (gráfico).

Em dezembro de 2009, a taxa de desocupação foi de 6,80%, idêntica à de dezembro de 2008. Na média, as taxas foram de 7,8% em 2008 e 8,1% em 2009. Em janeiro de 2010, o índice alcançou excelente resultado (7,2%).



Setor industrial

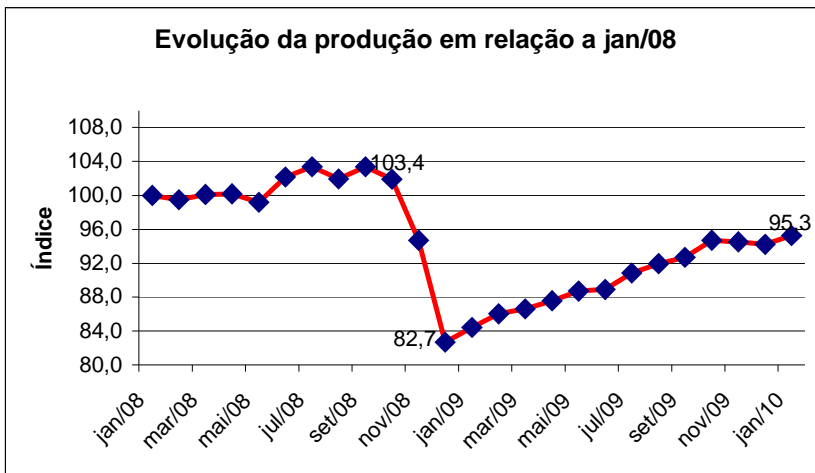
A indústria tem sido o calcanhar de Aquiles da economia durante a crise. Segundo o IBGE, o crescimento mensal do setor industrial sofreu fortes quedas em novembro 2008 e dezembro de 2008, com recuperação contínua este ano e ligeira queda em novembro e dezembro. Em janeiro de 2010, o setor cresce 1,1% em relação ao mês anterior.



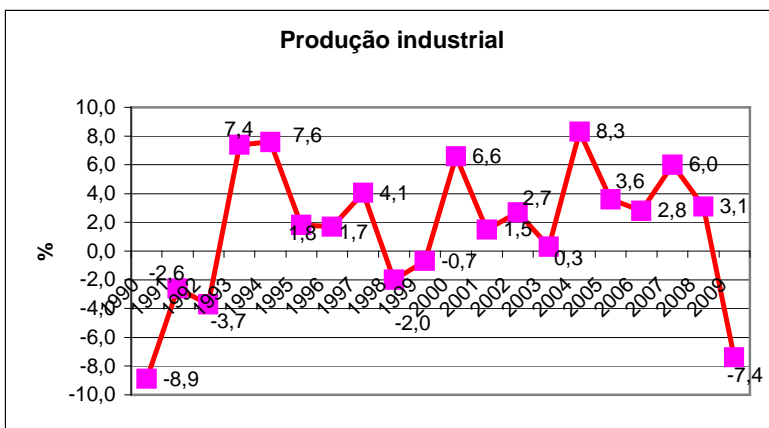
A variação em relação ao mesmo mês do ano anterior foi acentuadamente negativa entre novembro de 2008 e novembro de 2009, ano passado, com recuperação a partir de dezembro (gráfico). Contribui para este resultado o baixo desempenho ocorrido no auge de crise.



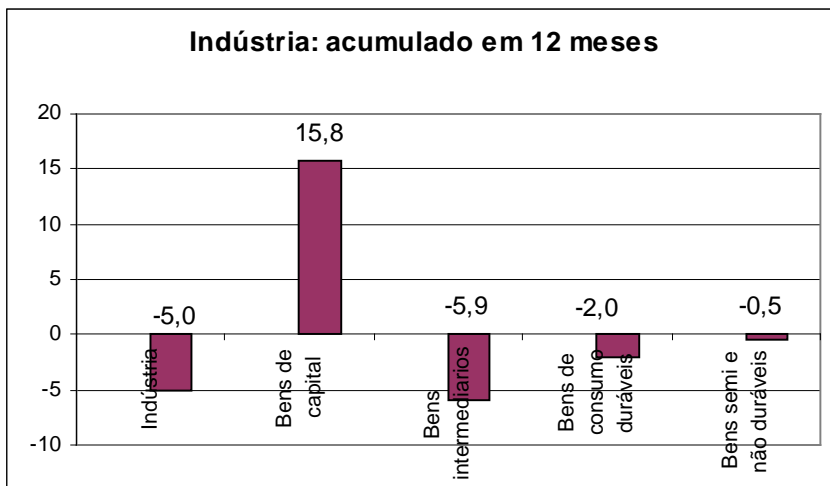
O nível de atividade ainda está 7m7% abaixo do que o setor apresentava antes da crise, em setembro de 2008 (gráfico).



Quando se comparam o ano de 2009 com igual período de 2008, as perdas atingem 7,4%. Este é o pior resultado desde 1999 (gráfico).



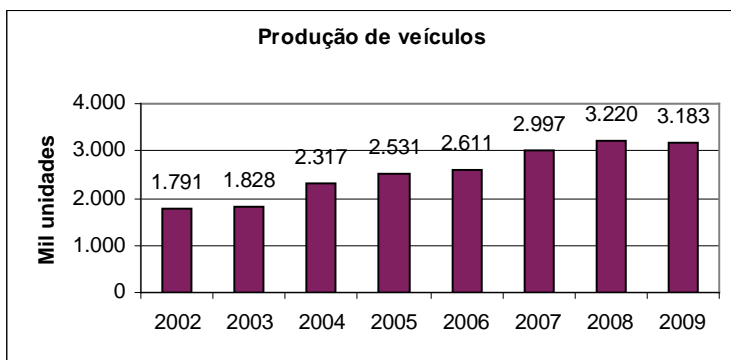
Nos últimos doze meses, houve acentuado declínio nos setores de bens de capital, duráveis e intermediários (gráficos).



A Focus de 12 de março de 2010 prevê recuperação de 8,74% na produção industrial este ano, com crescimento de 5,00 em 2011.

Indústria automobilística

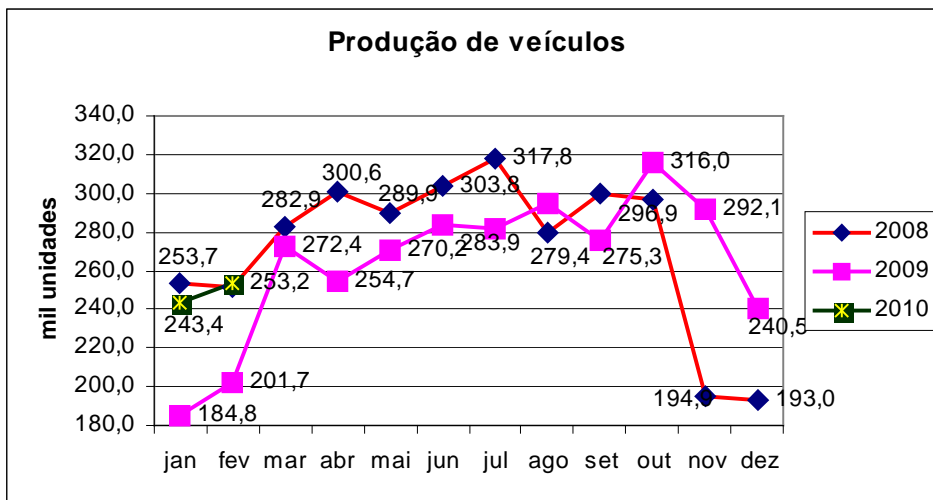
A produção de 2009 foi apenas 0,9% inferior à de 2008 superior à de 2007 (gráfico).



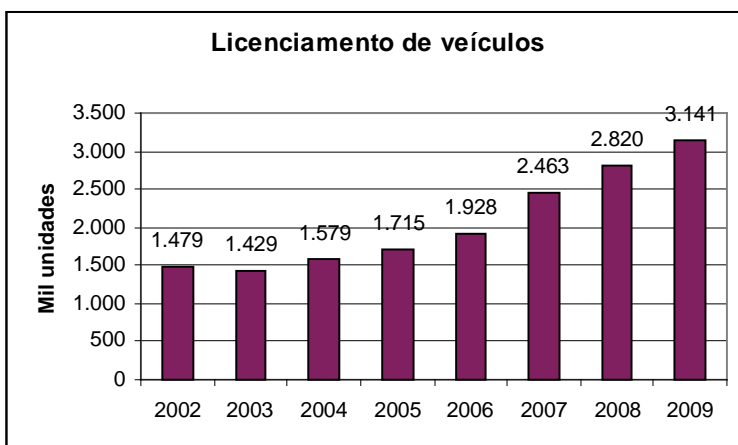
A produção de veículos, que chegou a superar 300 mil unidades por mês antes da crise, caiu abaixo de 200 mil unidades em dezembro de 2008 e janeiro de 2009, com boa recuperação a partir de fevereiro (gráfico), A partir de outubro de 2009, a produção ultrapassou os níveis de 2008.

Nos dois primeiros meses de 2010, a produção cresceu 28,5% em relação ao 2009

A tendência para os próximos meses é de resultados maiores em relação ao mesmo período anterior, pois a base de comparação foi deprimida pela crise. Janeiro de 2010 mostrou resultado abaixo de 2008, porém acima de 2009.

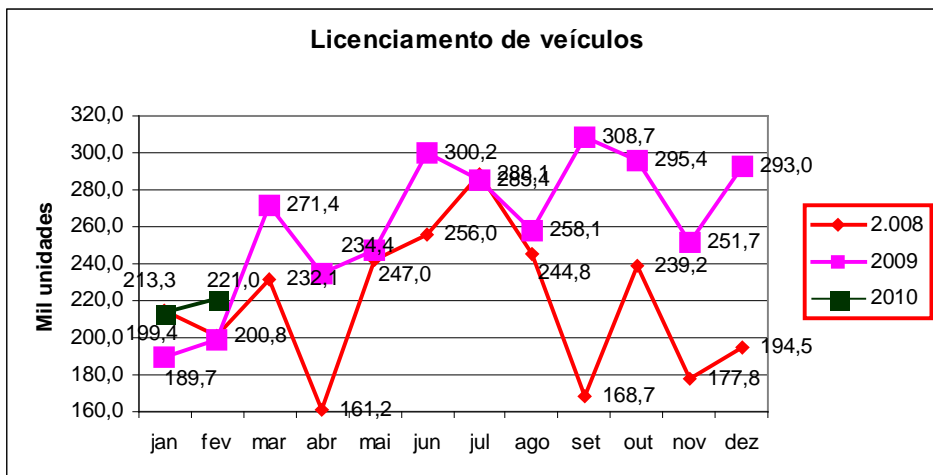


Apesar da crise, o mercado interno se manteve aquecido. Os licenciamentos de 2009 ultrapassaram em 10,2% os de 2008 (gráfico).

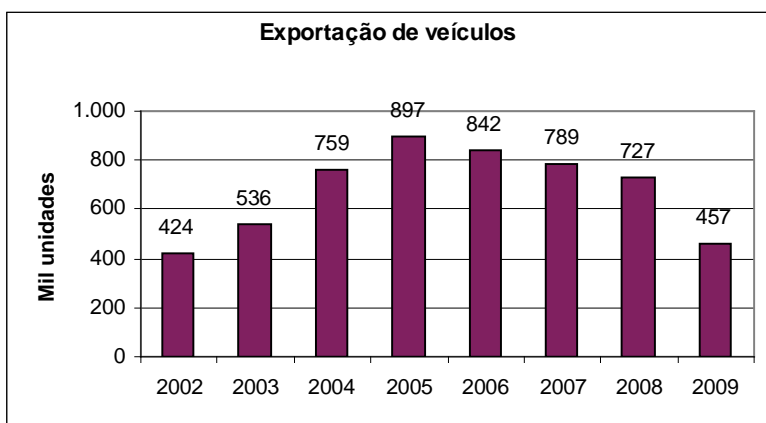


Em junho e setembro, particularmente, os licenciamentos foram recordes; Houve antecipação de compras diante do temor que a isenção do IPI não fosse prorrogada. Em outubro e novembro e dezembro, os resultados também foram muito bons. A partir de julho de 2008, os licenciamentos superaram os níveis dos mesmos meses do anterior. Nos dois primeiros meses de 2010, as vendas foram 11,6% superiores às do mesmo período de 2009.

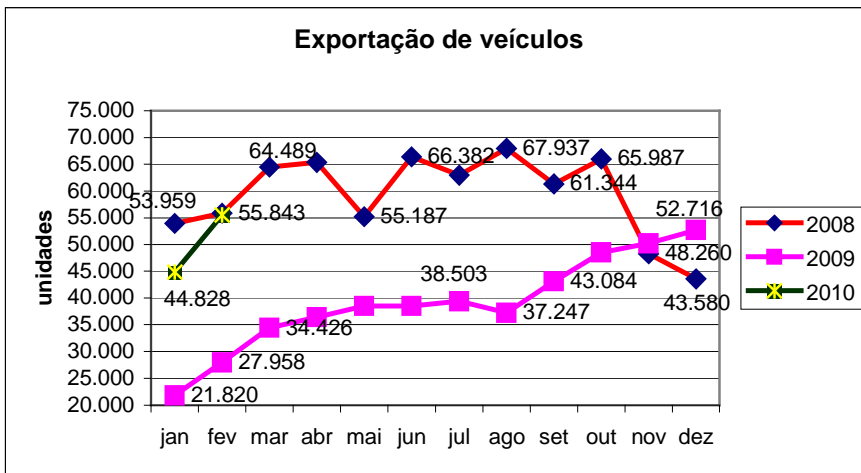
A tendência para os próximos meses é de resultados maiores em relação ao mesmo período anterior, pois a base de comparação foi deprimida pela crise.



As exportações de veículos continuaram mostrando resultado declinante (gráfico) e caíram 25,3% em relação a 2008.



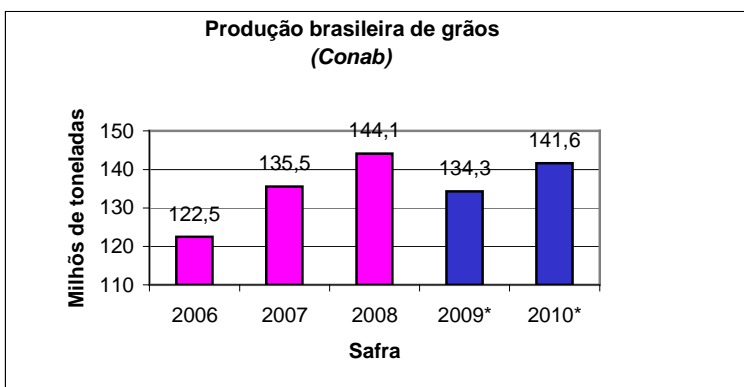
As exportações recuaram bastante em janeiro de 2009 (gráfico), vêm experimentando recuperação e já alcançaram o mesmo nível de 2008 (gráfico).



Para 2010, as previsões de todas as montadoras são de crescimento do mercado interno. As apostas chegam a 9%. As exportações vão crescer, mas dificilmente retornarão ao patamar de 2008.

Produção de grãos

Segundo dados da CONAB, a produção de grãos deverá sofrer redução de 6,8% em 2009 (gráfico), recuperando-se parcialmente em 2010.



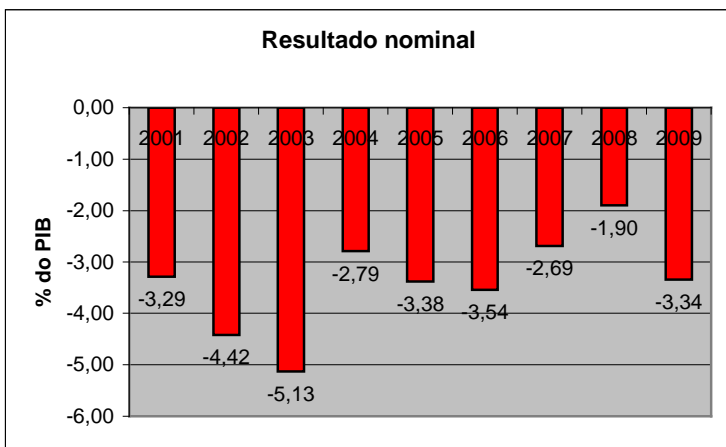
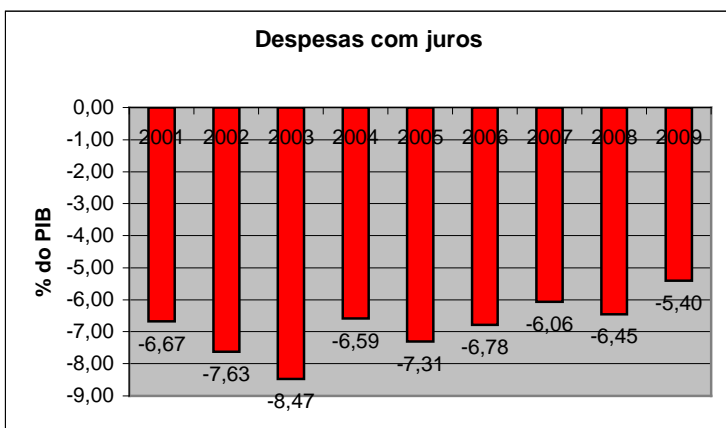
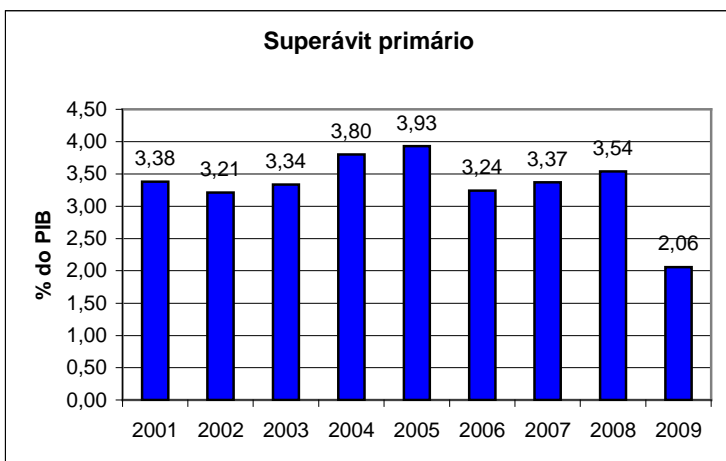
Segundo o IBGE, a safra deverá somar 133,5 milhões de toneladas em 2009, 8,6% menor que a obtida em 2008 (146,0 milhões de toneladas).

Esta queda de quase 10 milhões de toneladas significam cerca de 400 mil viagens a menos, considerando-se que cada carreta leve 25 t.

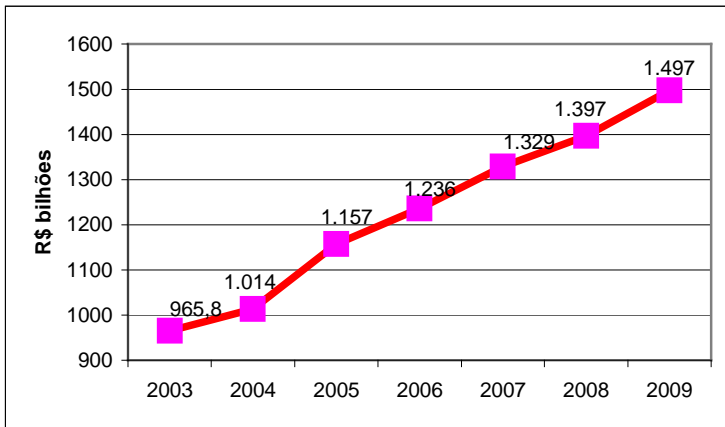
O IBGE estima que a safra de grãos declinará de 146 milhões de toneladas em 2008 para 135 milhões de t em 2009 (queda de 7,5%).

Contas públicas

A crise afeta também as contas públicas. Mesmo com o governo lançando mão de artifícios como deixar fora da contabilidade as despesas do PAC, o superávit primário nunca foi tão baixo, tanto em termos absolutos, quanto relativos (gráficos). O “buraco” está sendo coberto pela redução da meta. Mesmo assim, o resultado nominal (após juros) foi altamente negativo em 2009 (gráficos),

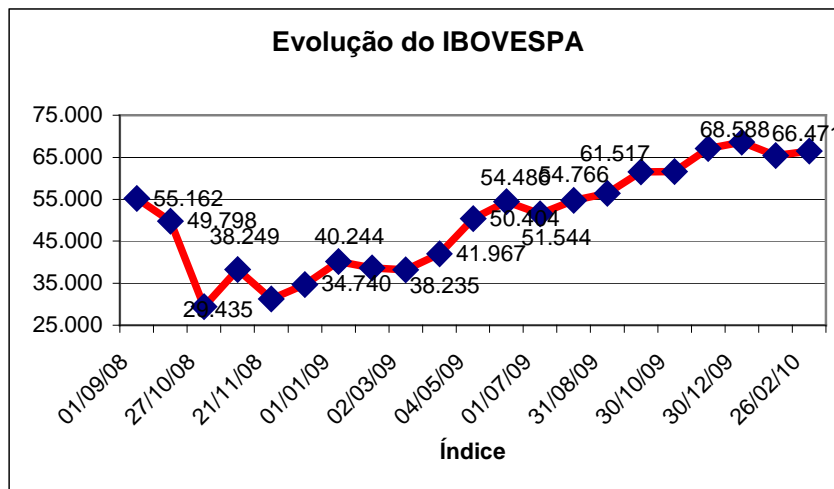


Outro dado preocupante é o aumento da dívida mobiliária interna e externa (gráfico).



Bolsa

Entre o início de setembro e o final de outubro de 2008, o índice Ibovespa despencou da faixa de 55 mil pontos para menos de 30 mil pontos. A partir daí, graças à entrada de capital estrangeiro, passou a ser recuperar, atingindo mais de 65.471 pontos no final de fevereiro de 2010 (gráfico).



- O autor é coordenador técnico da NTC&Logística, membro titular da Câmara Temática de Assuntos Veiculares, coordenador das JARI do DER-SP e professor de Gerenciamento de Custos Logísticos da FAAP.